

Ponta Grossa na Toponímia e no Folklore

(Especial para "TAPEJARA")

GABRIEL MENA BARRETO

Do Centro Cultural "Euclides da Cunha"

Conta-nos o professor Assis Cintra, em um de seus belos trabalhos históricos, que o majestoso planalto dos Campos Gerais era visto, de muito longe, pelos sertanejos paulistas, "parecendo no aspecto com uma larga altura", conforme diz um roteiro do século XVIII.

"Ali, a mais de mil metros de altitude, os paulistas construíram um rancho, pousada obrigatória dos viajores que demandavam os sertões do sul.

Chamaram-no, desde logo, pouso de Ponta Grossa, porque da grande distância em que ele se achava, representava o aspecto de uma ponta muito grossa. Mais tarde, junto ao rancho, se estabeleceu um português com negócio de beira de estrada, e uma pequena fazenda de criar. Fêz-se uma capela, construíram casas em derredor, formou-se a povoação com o nome de Freguesia de Ponta Grossa". Essa freguesia foi criada a 15 de Setembro de 1823.

Como vimos e não podia deixar de ser dado o sentimento religioso dos nossos avoengos, revelado em todos os empreendimentos que assinalaram a incipiente civilização sul-brasileira, uma pequena capela foi levantada na acrópole da nova povoação que então começava a crescer até tornar-se vila em 1855 e cidade em 1872. Um ano antes, em 1871, houve por bem o governo provincial mudar o nome da nova cidade para Pitangui, numa primeira tentativa para reconduzir-nos — segunda um feliz asserto do ilustre general Mario Travassos ao referir-se à obra do nosso querido líder Faris Antonio S. Michale — às nossas tabas de origem. Mas houve repulsa no espírito popular. E o antigo nome de batismo — Ponta Grossa — voltou a prevalecer e dominar.

Entretanto, a corografia brasileira registra povoações, bairros e fazendas com o nome de Ponta Grossa.

Aqui mesmo em Pôrto Alegre existe um bairro à beira rio com esse nome. E localidade ou fazenda de nome igual estão assinaladas no município de Itacoatiara, no Amazonas; no de Maceió, em Alagoas; no de Belém, no Pará; no de Aracati, no Ceará; nos de Nova Almeida e Itapemirim, no Espírito Santo; nos de Rosário e Turissú, no Maranhão; no de Campo Grande, no Distrito Federal; nos de Cambucí, Maricá, Angra dos Reis, Goitacás e S. Pedro d'Aldeia; no Estado do Rio; nos de Florianópolis e Maruí, em Santa Catarina; no de Gararú, em Sergipe; nos de Ubatuba e Iguape, em São Paulo; no município de Gravataí, próximo a Pôrto Alegre, e na própria capital, no Rio Grande do Sul.

Também no Estado do Paraná existem, além da Capital Cívica, e com o nome de Ponta Grossa, uma povoação no município de Antonina e uma fazenda em Sêro Azul.

Contudo, o folclorê pontagrossense é riquíssimo em imaginação quando pretende explicar as razões da preferência pelo nome com que passou a figurar na toponímia nacional a nossa adorável Princesa dos Campos.

Nascida no sítio que pertencera ao tenente José Antonio de Oliveira, com o nome de "Rincão de Ponta Grossa", dessa grande área rural fora dada posse ao referido tenente pelo alferes Benedito Mariano Ribas, então Juiz Ordinário de Castro, por despacho de 23 de Fevereiro de 1810. É o que consta do belo trabalho do sr. Pedro Novais, digno e operoso prefeito de Castro, mandado editar em Ponta Grossa na profícua gestão do antigo prefeito Albari Guimarães. E louvado no Livro da Vereança da cidade de Castro transcreve o escritor uma decisão da Câmara Municipal com respeito às providências tomadas para coibir a evasão dos negros que buscavam trabalho junto aos tropeiros a fim de fugirem à escravidão.

Ora, essa decisão diz simplesmente que o receio de novos crimes dos negros impeliu os fazendeiros a se queixarem e solicitarem providências à Câmara de Castro, e esta, para prevenir e coibir os abusos, a 12 de Fevereiro de 1792, nomeou Inácio dos Santos, capitão de mato no Bairro de Ponta Grossa."

Essa a verdade sem "o manto diáfano da fantasia". A chegada ao bairro do sargento-mór Miguel da Rocha Ferreira Carvalhais ocorreu no ano de 1804, tendo contraído núpcias com D. Maria Helena Ferreira, filha de José Ferreira Pinto, abastado fazendeiro, e irmã de Domingos Ferreira Pinto, também fazendeiro e mais conhecido por Mingote. Carvalhais, seu cunhado Mingote, o alferes Benedito Mariano Ribas, o tenente José Antonio de Oliveira, Domingos Ferreira Lobo e alguns mais eram os maiores do bairro e tudo fizeram em benefício de sua prosperidade nos primeiros decênios do século XIX.

x x x

Do exórdio desta modesta contribuição histórica se infere que o sr. Assis Cintra recolheu a versão que dá o nome ao local em virtude do aspecto que apresentava o rancho, isto é, de uma ponta muito grossa vista de longe pelos viajores.

Essa a mais provável. Outra versão romântica atribui a um tropeiro, que conduzia pacientemente sua tropa e dera pela falta de um muiar, ter mandado um de seus auxiliares a procura da alimária extraviada.

Encontrou-a o modesto peão entre os arbustos seculares de um cerrado capão. Onde a achaste? Eis a pergunta que logo acudira ao aflito proprietário. "Lá naquele capão que tem a ponta grossa", teria respondido o bom caboclo ao mesmo tempo que apontava com o indicador na direção de um dos densos capões que bordavam a serrania agreste.

Outra versão nos é dada pelo saudoso pontagrossense Manoel Cirilo Ferreira, antigo e honrado funcionário municipal que dedicou ao berço de seu nascimento o concurso de seu melhor esforço e colaboração. Essa versão, sob o ponto de vista histórico, é até pecaminosa...

Conta Cirilo que o sargento-mór Carvalhais mandara seu capataz, de nome Francisco, mais conhecido por Chico Mulato, escolher um ponto ben próprio para morada. O capataz percorreu a vasta propriedade do patrão e, ao regressar, opinou por um lugar onde havia "boas aguadas e bem agitado campo para potreiro, de tudo informando Carvalhais nestes termos: "Sinhô sabe bem porque é encostado naquele capão que tem a ponta grossa"...

E acrescenta à sua crônica folclórica a popular lenda dos pombos fazendo figurar como personagem principal o mencionado Miguel Carvalhais

que teria sido o autor do feito memorável... Entretanto, tudo ruirá por terra quanto a Carvalhais ao simples confronto de datas e fatos históricos, pois se a Câmara de Castro nomeara um cidadão capitão de mato no "Bairro de Ponta Grossa" em 12 de Fevereiro de 1792, é porque esse local já existia com dito nome doze anos antes da chegada do referido sargento-mór àquele bairro.

Igualmente a capela. Essa foi, possivelmente, erguida em terras do tenente José Antonio de Oliveira, dono do "Rincão de Ponta Grossa", cuja posse lhe fora dada pelo alferes Benedito Mariano Ribas, e não em terras de Carvalhais, até prova em contrário...

Nada disso, porém, tornará menos sugestivo o quadro folclórico da revoada dos pombos nos céus do vilarejo nascente, os quais teriam pousado sobre os galhos fortes da figueira existente ao lado do histórico ranchão. É bem possível que o espírito católico dos nossos avoengos, aliado à fecundidade da imaginação, haja concebido e realizado um feito digno do pincel de José Daros ou Leônidas Justus.

O personagem ou personagens, porém, são desconhecidos. Não mereceram as galas de um registro dos plúmbeos nos tempos primários de Ponta Grossa. Mas se a voz do povo é a voz de Deus, os pombos alçados em sereníssimo vôo terão de ser eternamente um símbolo cívico-religioso, um tributo à heráldica pontagrossense e um penhor de simpatia e hospitalidade de seu grande e valoroso povo.